



A REPRESENTAÇÃO DA PROTAGONISTA COM DEFICIÊNCIA NO ROMANCE *O TIGRE NA SOMBRA*, DE LYA LUFT

Gabriela Lasta (UEM)
Mirian Cardoso da Silva (IFC-CAM)
gabriellasta91@gmail.com

Resumo:

A literatura de autoria feminina tem abordado as experiências do corpo com deficiência, contemplando uma grande diversidade de temáticas como relacionamentos, sexualidade, gênero, violências, relações com o próprio corpo e identidade. Essas temáticas podem ser exploradas no romance *O tigre na sombra* (2012), de Lya Luft, o qual traz uma personagem que possui deficiência em uma das pernas, o que dificulta seu caminhar e provoca reações preconceituosas, realidade que repercute em intensos questionamentos identitários e na busca por pertencimento. Assim, o objetivo deste trabalho é compreender a representação desta protagonista com deficiência. Para tanto, utilizamos as contribuições teóricas da crítica feminista, dos estudos culturais e de leituras anticapacitistas.

Palavras-chave: O tigre na sombra; Pessoa com deficiência; Leituras inclusivas e anticapacitistas.

Introdução

Neste trabalho, pretendemos refletir sobre a presença da mulher com deficiência na literatura de autoria feminina contemporânea. Para tanto, configura-se como *corpus* o romance *O tigre na sombra* (2012), de Lya Luft. Nele, há uma narrativa em primeira pessoa que contribui para a compreensão da personagem em toda sua complexidade. Dolores, ou Dôda, narra em quatro capítulos toda sua trajetória de vida, da infância até a velhice. Quando criança, a protagonista vivencia a insensibilidade e o desprezo de sua mãe por possuir uma deficiência em uma das pernas, deficiência que dificulta seu caminhar e provoca reações preconceituosas. Diante do capacitismo que vivencia, Dôda cria um mundo à parte, no qual é livre para ser quem deseja. Seus intensos questionamentos emergem até a fase adulta, evidenciando diversas problematizações femininas.



Consideramos necessário refletir acerca desse romance porque ele aborda temáticas concernentes à sociedade contemporânea, como a deficiência, o capacitismo, o corpo feminino (com deficiência), a sexualidade e as questões identitárias desses indivíduos. Além disso, embora Lya Luft já seja reconhecida como escritora, pois reúne uma vasta produção literária, como poesias, contos e romances, sua obra contempla temáticas ainda pouco aprofundadas.

Luft foi uma das grandes escritoras do século 20, além de também ser tradutora, colunista e professora da UFRGS. Portanto, mesmo que seja uma escritora já consolidada e estudada, sua obra possui pouco estudo pelo viés da pessoa com deficiência. Além do romance em estudo, também escreveu sobre PcDs no livro de contos *O silêncio dos amantes* (2008), e, em um dos contos, “O anão”, a autora evidencia o preconceito que uma criança com nanismo vivencia na escola e na rejeição de seu pai.

Embora ficcional, o romance em estudo traz temáticas relevantes, por vezes, negligenciadas, sendo assim, são uma importante ferramenta de compreensão social. Nesse sentido, propomos, pela perspectiva dos estudos culturais, coadunada a compreensões complementares da crítica feminista, compreender brevemente a forma como essa protagonista com deficiência é representada. A partir desses diferentes pressupostos, buscamos compreender, também, como esse enredo dialoga com os problemas sociais, como o capacitismo e o preconceito e como essa narrativa de autoria feminina contemporânea contribui para as discussões acerca da diversidade humana.

“A menina da perna curta”: considerações acerca da protagonista

Na literatura contemporânea, os estudos das narrativas que colocam em cena as deficiências podem partir do que Rosângela Bogoni (2020) define, em *Representação da deficiência em narrativas ficcionais: um estudo comparado sobre as diferenças na literatura*, a partir de três modalidades de representação de deficiência na literatura: a) a representação da deficiência de forma negativa; b) de



forma positiva; c) e sem vinculação negativa ou positiva da condição humana na literatura.

Na primeira modalidade, a representação da deficiência de forma negativa na literatura, a deficiência dos personagens se relaciona com falhas de caráter, incapacidades, sempre representados de forma inferiorizada. Como exemplo, a autora destaca o conto *O filho*, de Rubem Fonseca.

A segunda consiste na representação da deficiência de forma positiva na literatura, isto é, mesmo com as limitações desses personagens, elas sempre são superadas. De acordo com Bogoni (2020), é exemplo dessa perspectiva a obra *Nós, os cegos, enxergamos longe* (2006), de Franz-Joseph-Huainigg.

E, por fim, a terceira modalidade representa a deficiência na literatura sem vinculação negativa ou positiva da condição humana, na qual a deficiência é vista sem valorização. As características dos personagens não são vinculadas a sua deficiência, mas como parte da condição humana.

É nesta perspectiva que é possível olhar para muitas literaturas de autoria feminina contemporânea, dentre as quais o enredo literário tem ganhado outro tom, enquanto meio de representação que evidencia e problematiza a representação das pessoas com deficiência - em especial, o da mulher com deficiência. As escritoras têm abordado, em suas narrativas, experiências femininas, contemplando uma grande diversidade de temáticas como relacionamentos, sexualidade, gênero, violência, relações com seu corpo e, também, o capacitismo, visto que ainda é um problema social que atinge esses sujeitos. Essa diversidade, que acompanha as produções de autoria feminina, tem contribuído para um fazer literário mais plural e representativo.

Diante disso, o romance proposto para este estudo, *O tigre na sombra*, publicado em 2012, por Lya Luft, coloca em cena essas temáticas e desestigmatiza a visão social que enxerga o corpo deficiente como inválido, evidenciando que a deficiência não é algo a ser superado, mas que faz parte da diversidade humana.

No enredo, acompanhamos a trajetória da protagonista Dolores, mais conhecida como Dôda, que nasceu com uma das pernas mais curta que a outra e, por isso, vivencia o preconceito constante, o que acarreta intensos questionamentos acerca de si. Essa rejeição ocorre, principalmente, por parte de sua mãe: “minha mãe que não me amava” (Luft, 2012, p. 14). Desde o momento de seu nascimento, a



relação familiar ocorre de forma conturbada. Isso se evidencia no romance quando, ao nascer, a mãe resolve nomear a filha de Dolores, nome carregado de simbologia, representando, de acordo com o dicionário Infopédia, “dores”; em contrapartida, sua irmã mais velha recebeu o nome de flor: Dália.

Woodward (2000) explica que a identidade é uma construção marcada pelas diferenças. Assim, ao dar nomes tão simbólicos às filhas, a mãe determina modelos de identificação. Em vista disso, a protagonista se via com um “nome escuro, de sombra e pranto, cheio de ôôôs lúgubres. Escolheu esse nome porque, dizia, sofreu muito para me botar no mundo. Eu lhe dei trabalho desde a hora de nascer, e sempre daria, porque nasci do jeito que sou” (Luft, 2012, p. 15). Isto é, uma pessoa com uma deficiência.

Dôda, internaliza a construção que é feita de si ao receber um nome simbólico e vivenciar o preconceito materno, o que acarreta intensas questões acerca de si mesma desde a infância, levando a protagonista a criar uma outra identidade: “Desde então, quando me olhava no espelho, ora eu via Dôda, ora enxergava Dolores” (Luft, 2012, p. 18). O romance passa a abordar, então, uma personagem fragmentada: de um lado, “a menina da perna curta” (Luft, 2012, p. 18); enquanto do outro, está Dolores, uma mulher que surgia, em paralelo, como “sensual, engraçada, às vezes maldosa” (Luft, 2012, p. 18).

Ribas (2003) argumenta que corpos que fogem do estabelecido como “normal” pela sociedade, acabam por serem segregados e, em função disso, os sujeitos tentam de toda forma alcançar esses padrões. Tais corpos com deficiência experienciam a exclusão como parte da construção identitária que se forma na relação dialógica do eu com o outro, como percebemos na personagem de *O tigre na sombra*.

A dualidade vivenciada por ela devido aos preconceitos e rejeições vividos vão, aos poucos, diminuindo a medida em que a protagonista se distancia das relações familiares abusivas e alcançando sua autonomia. Ela passa a recorrer cada vez menos a duplicidade de identidades. Essa construção de autonomia se intensifica com um distanciamento que ela vivencia da opressão da mãe. Sem ela, Dôda encontra espaço para outras vivências que até então desconhecia, como estudo, trabalho, relacionamentos e sexualidade: “Esquecia Dolores ao me olhar nos espelhos: via a mim, decidida, animada, entrando na vida adulta, uma vida minha, com escolhas



minhas. Devaneios e invenções eram coisas passada e ultrapassada, substituída por livros, pesquisas, projetos [...]” (Luft, 2012, p. 77). Percebemos, assim, que a profusão de identidades da protagonista oscila na medida em que novas versões suas surgem.

Ainda assim, Dôda, tem uma identidade que oscila no decorrer da narrativa, como percebemos que ela tenta se encaixar dentro de padrões que são negados às pessoas com deficiência, como o acesso ao amor, família e filhos. Ela idealiza relações familiares e só alcança uma sensação de completude ao vivenciar os moldes sociais patriarcais estabelecidos as mulheres, que ocorre por meio de uma construção familiar: “finalmente ia ser uma mulher como as outras” (Luft, 2012, p. 87). Quanto mais próxima a padrões, menor necessidade tinha de vivenciar identidades paralelas.

Porém, essa sua nova configuração colapsa quando seu casamento acaba em função de uma dupla traição entre seu marido e sua irmã: “Agora eu não era ninguém, nem mesmo uma invenção” (Luft, 2012, p. 116). Esse contexto de sofrimento extremo, a faz refletir sobre si e a compreender que sua existência é múltipla, feita de dualidades:

Nos labirintos que me perdi e me achei, e tropecei e caminhei de novo, aprendi que ela sob outras formas quer existir. Reuni em mim as duas que fomos ou que sempre fui, pois todos somos vários, somos muitos. Eu me tornei ela, e a realidade do espelho transbordou aqui pra fora (Luft, 2012, p.124).

Sobre isso, Bauman (2001, p. 98) salienta que “o grau de liberdade genuína ou supostamente genuína de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejado, que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias da identidade”. Nesse sentido, a protagonista compreende ser múltipla e a lidar com suas ambivalências.

Considerações finais

A literatura de autoria feminina tem abordado importantes questões que afetam a mulher com deficiência na contemporaneidade, a qual é duplamente excluída, em função do gênero e da deficiência. Temáticas como capacitismo, identidade,



relacionamento, sexualidade, entre outros, tem repercutido nessas narrativas. Essas problemáticas são contempladas, também, no romance *O tigre na sombra*, colocando luz sobre problemas sociais complexos, principalmente ao dar o protagonismo a uma personagem fora dos padrões estabelecidos, evidenciando as experiências desses sujeitos. Nesse sentido, dar visibilidade a esses textos e discutir a maneira com que eles representam as PcDs, colabora na desconstrução de preconceitos, e na concepção de um mundo mais diverso.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **A Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

BOGONI, Rosangela Marcilio. **A representação da deficiência em narrativas ficcionais**: um estudo comparado sobre as diferenças na literatura. 2020. 93f. Dissertação (mestrado em Literatura comparada). Universidade Estadual da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2020.

LUFT, LYA. **O tigre na sombra**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

RIBAS, João B. Cintra. **O que são pessoas deficientes**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.